

Os Territórios Num Trabalho Em Equipe Com Musicoterapia

Ana Léa Maranhão von
Baranow

Esse trabalho é o desdobramento do capítulo “Atuação do musicoterapeuta – Atendimento em Equipes”, do meu livro “MUSICOTERAPIA: UMA VISÃO GERAL” (Ed. Enelivros, RJ, 1999) no qual direciono os questionamentos sobre a atuação do musicoterapeuta em equipes com profissionais de outras especialidades da área da saúde, buscando nos teóricos e filósofos contemporâneos a compreensão para a dinâmica do funcionamento desses grupos e para os processos ocorridos nesses territórios, através do jogo sógnico na comunicação existente.

“O que torna o material cada vez mais rico é aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos sem deixar de ser heterogêneos” (Deleuze e Guattari, 1997).

Muitas definições de musicoterapia enfatizam como objetivos principais: “abrir canais de comunicação”, “estabelecer ou restabelecer a comunicação” ou “estabelecer uma relação de equilíbrio”, o que nos faz crer que ela atua como um facilitador da expressão humana, dos movimentos, gestos, sentimentos, sensações e emoções, através da música e dos sons, promovendo alterações que levam ao aprendizado, à mobilização e organização interna que favorece a singularização, permitindo ao indivíduo evoluir em sua busca, seja ela qual for.

O *fazer sonoro* que ocorre durante as sessões favorece o desenvolvimento das relações interpessoais, “...uma vez que um elemento musical funcionaria como ponto comum que une os indivíduos, fundando um grupo, um coletivo, que produzirá subjetividade a partir daquele elemento” (Sampaio, 1999) e o musicoterapeuta atua nesse território através da utilização musicoterápica do som, da música e do *gesto*. Conforme F. Iazzetta (1997), gesto não é apenas movimento mas “...um movimento dotado de significação especial. É mais do que uma mudança no espaço, uma ação corporal, ou um movimento mecânico: o gesto é um fenômeno

de expressão que se atualiza na forma de movimento”. O gesto pode ser também a intenção de um movimento (existem gestos sem movimento) ou um movimento que expressa algo em um ‘jogo expressivo’ que o compreende.

“Musicoterapia é um processo orientado no qual o terapeuta ajuda o cliente a melhorar, manter, ou restaurar um estado de bem-estar, utilizando experiências musicais, e as relações que se desenvolvem através destas, como forças dinâmicas de mudanças” (Bruscia, 1987). Creio ser exatamente a partir dessas relações, que se desenvolvem através da utilização das experiências musicais, que se encaixa o papel principal do musicoterapeuta no trabalho em equipes.

É comum o atendimento conjunto do musicoterapeuta com profissionais de várias áreas da saúde e também da área pedagógica com um único paciente ou grupo. Os profissionais envolvidos nesses atendimentos podem ser psicólogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, assistentes sociais e médicos, entre outros, e é muito importante, para o bom desenvolvimento do tratamento e obtenção de melhores resultados, haver interação entre os que atendem o mesmo paciente, pois verifica-se na prática, que, muitas vezes, os objetivos são comuns e a troca de informações se intensifica, enriquece e até abrevia o tempo de tratamento, dependendo do caso.

Essa interação entre os profissionais que atendem a um único paciente pode se dar de várias formas, podendo ser multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar.

Hoje em dia, fruto da formação dos profissionais de saúde, não só no Brasil mas também em outros países, imperam especialidades com enfoques que muitas vezes “separam” o ser humano em partes para tratá-lo e em decorrência desse tipo de visão o paciente é atendido por diferentes profissionais, sem que eles interajam entre si, ou saibam o que o profissional de cada área específica está realizando em seu tratamento, fragmentando-o. Este é o que denominamos *atendimento multidisciplinar*.

No *atendimento interdisciplinar*, mais comum em instituições, pois os vários profissionais que atendem a um mesmo paciente trabalham num único local, há uma interação entre eles, e são colocados em discussão os vários aspectos do tratamento e, na

medida do possível, estabelecidos objetivos em comum. Apesar da dificuldade de entrosamento de diferentes linguagens, temos visto, na prática, bons resultados nesse tipo de interação.

O *atendimento transdisciplinar* é uma modalidade nova, com ainda pouco espaço no âmbito terapêutico atual, pois exige uma nova visão de ser humano, no qual este é um todo indivisível e relacional, um ser de multiplicidades, um componente essencial com múltiplas conexões com o mundo que o cerca, independente do tipo e do grau de alguma patologia que porventura apresente.

Nesse tipo de atendimento, os diferentes profissionais, após a investigação de objetivos comuns e esclarecimentos sobre o modo de atuação de cada um, *trabalham juntos numa mesma sessão com o paciente*, demarcando um território com um grande potencial, no qual a perspectiva é a dinâmica de conjunto e é analisada e reconhecida a interdependência dos múltiplos aspectos. Cada profissional está direcionado para sua área de atuação, mas interagindo no mesmo espaço com outros profissionais.

Segundo a Associação Canadense de Musicoterapia, "... Como membro da equipe terapêutica, o musicoterapeuta profissional participa do auxílio às necessidades do cliente, da formulação de uma conduta terapêutica e de um programa para o tratamento, e então, prossegue com as atividades musicais específicas para alcançar objetivos determinados ..." e de acordo com a Associação Nacional de Musicoterapia (USA) "... Como membro de uma equipe terapêutica, o musicoterapeuta profissional participa da análise dos problemas do indivíduo e na projeção dos objetivos gerais do tratamento, antes de planejar e executar as atividades musicais específicas ...".

Essa forma de trabalho, na qual os profissionais compartilham o mesmo território, necessita ser aprendida, usada, difundida e ter sua linguagem compreendida numa nova visão e mentalidade, exigindo um treinamento diferenciado dos profissionais que nele atuam, que vai além do aprendido nas instituições de ensino atuais.

O controle nesses grupos não é vertical, não existindo, na maioria dos casos, chefes diretos dentro dos grupos, mas um tipo de compromisso horizontal, com cada um dos membros percebendo suas ações e se responsabilizando por elas, sem perder a noção de conjunto. O que vai ao encontro das idéias desenvolvi-

das por Deleuze (filósofo e músico) e Guattari (psicanalista e músico) em Mil Platôs, “... não há uma forma ou uma boa estrutura que se impõe, nem de fora nem de cima, mas antes uma articulação de dentro, como se moléculas oscilantes, osciladores, passassem de um centro heterogêneo a outro, mesmo que para assegurar a dominância de um.” (Deleuze e Guattari, 1997).

Não podemos ficar alheios e desconectados dos profundos processos pelos quais vimos passando atualmente e deixar de constatar que as mudanças, não só na aparência, fruto da tecnologia que avança num ritmo frenético, mas de tudo que nos altera irreversivelmente interiormente e coletivamente.

Como salienta Guattari em “As Três Ecologias” (1990): “Insistindo nos paradigmas estéticos, gostaria de sublinhar que, especialmente no registro das práticas “psi”, tudo deveria ser sempre reinventado, retomado do zero, do contrário os processos se congelam numa mortífera repetição... O povo “psi”, para convergir nessa perspectiva com o mundo da arte, se vê intimado a se desfazer de seus aventais brancos, a começar por aqueles invisíveis que carrega na cabeça, em sua linguagem e em suas maneiras de ser (um pintor não tem por ideal repetir indefinidamente a mesma obra – com exceção da personagem de Titorelli, no *Processo* de Kafka, que pinta sempre e identicamente o mesmo juiz!). Da mesma maneira, cada instituição de atendimento médico, de assistência, de educação, cada treinamento individual deveria ter como preocupação permanente fazer evoluir sua prática tanto quanto suas bases teóricas”.

Território é um conjunto de forças e não um terreno ou um domínio qualquer. Um território é um espaço onde existem muitas trocas e muitas forças atuando; é um campo de forças centrífugas e centrípetas, de ordenação e emaranhado, de caos e ordem, é um jogo que faz com que os agenciamentos decorrentes dessas forças nunca ocorram do mesmo modo. Quando cada um dos integrantes de uma equipe de profissionais se une para um atendimento, naquele lugar, naquele momento, há um território específico demarcado, que extravasa os vários territórios ali representados, onde cada indivíduo traz seus níveis de subjetividade.

O território é um lugar de passagem, um “entre” por onde os meios passam e perpassam. “Um território lança mão de todos os meios, pega um pedaço deles, agarra-os (embora permaneça frágil frente a intrusões). Ele é constituído com aspectos ou porções dos meios.”, “...é preciso considerar simultaneamente dois aspectos do território: ele não só assegura e regula a coexistência dos membros de uma mesma espécie, separando-os, mas torna possível a coexistência de um máximo de espécies diferentes num mesmo meio, especializando-os”. (Deleuze, 1997)

Os meios são essencialmente comunicantes, a noção de meio não é unitária, os meios passam um no outro, a ação se faz num meio. Todo meio é vibratório, gera onda e se propaga dos modos mais distintos. Todas as espécies de meios deslizam uns em relação aos outros, uns sobre os outros, cada um definido por um componente.

Conforme Deleuze e Guattari, “O que torna o material cada vez mais rico é aquilo que faz com que heterogêneos mantenham-se juntos sem deixar de ser heterogêneos.” e ainda “... a organização de marcas qualificadas em motivos e contrapontos vai necessariamente acarretar uma tomada de consistência... A consistência se faz necessariamente de heterogêneo para heterogêneo: não porque haveria nascimento de uma diferenciação, mas porque os heterogêneos que se contentavam em coexistir ou suceder-se agora estão tomados uns nos outros, pela “consolidação” de sua coexistência e de sua sucessão.” (Deleuze e Guattari, 1997)

No momento de um trabalho em equipe transdisciplinar com um determinado paciente ou grupo, há um território singular formado e muitos agenciamentos, que são únicos e próprios desse território, ocorrendo simultaneamente, o que enriquece a dinâmica nesse acontecimento.

Os movimentos não cessam num território e seus componentes atuam das mais diversas maneiras. Num território desse tipo as forças se sobressaem, há um grande jogo de forças, pois atuam profissionais especialistas, com diferentes formações e visões pessoais e talvez por isso as velocidades “se arrastem” um pouco mais que em outros tipos de territórios.

A intensidade opera a um nível profundo, principalmente interno, pois os domínios são diferentes, cada profissional atua em

sua área de formação, oferecendo diferentes estímulos ao paciente e os acontecimentos, enquanto ocorrem, não são de todo inteligíveis. Para que tudo isso possa ser equacionado no final da sessão, há a necessidade da expressão verbal como fechamento da sessão, servindo de alívio para essa intensidade. Devemos também estar atentos às bordas demarcadas nesse território, mas podemos alterar esses limites durante a sessão, fechando ou ampliando, se necessário.

Quanto à posição do paciente frente ao grupo de profissionais, devemos buscar para que as forças lhe estejam sempre convergindo, pois ele deve ser o eixo do território. Diferentemente do “centro” de uma situação, o paciente enquanto “eixo” nos permite trabalhar com a dinâmica do indivíduo, pois o eixo num território não é só um foco e nunca adquire uma posição fixa. Outro importante ponto nesse território é a relação com a música, que tem uma forte função desterritorializante. Desterritorializar é desestabilizar o jogo com jogadas inusitadas ou mudanças de regras. Deleuze e Guattari chamam a atenção para a força desterritorializante da música e afirmam que, “...parece que a música tem uma força desterritorializante muito maior, muito mais intensa e coletiva ao mesmo tempo, e a voz, igualmente, uma potência de ser desterritorializante muito maior.... a música, tambores, trombetas, arrasta os povos e os exércitos, numa corrida que pode ir até o abismo, muito mais do que fazem os estandartes e as bandeiras, que são quadros, meios de classificação ou de reunião” (Deleuze e Guattari, 1997).

“A partir de uma perspectiva deleuziana, consideramos a música como um agenciamento de velocidades, de forças de atração e repulsão, de polarizações, de gestualidades, de tempos, de intensidades, de massas sonoras, de volumes, de texturas, de formas, de devires, etc. como um moto contínuo de territorialização e desterritorialização” (Sampaio, 1999).

Na musicoterapia, precisamos da função desterritorializante da música para que sejamos lançados em outros territórios, para que saíamos desse território demarcado e não nos cristalizemos. Quem procura uma terapia lança-se num jogo de transformações, quer seja emocional, físico, mental, social ou integral. O que se espera num atendimento terapêutico é a transformação de alguma

espécie neste território que está sempre em vias de desterritorialização, ao menos potencial, mesmo que para reterritorializar.

Quando se demarca um novo território ou quando há uma reterritorialização, há uma mudança de natureza, isto é, nunca nada é mais a mesma coisa e há sempre uma posição que o indivíduo quer alcançar, um lugar para ir, objetivos a atingir, mas os caminhos são muitos e cabe aos terapeutas fornecerem subsídios que facilitem essa escolha. É o indivíduo que busca todos esses movimentos, acontecimentos e transformações.

No território formado durante o atendimento transdisciplinar, o musicoterapeuta pode estar utilizando as experiências sonoro-musicais como fatores desencadeadores de transformações. Os procedimentos musicoterápicos podem também proporcionar a livre expressão corporal e o relaxamento no paciente facilitando o trabalho dos demais membros da equipe. Através da música, do som e do gesto, o musicoterapeuta pode proporcionar o desenvolvimento de relações no processo terapêutico e compartilhar com o grupo de profissionais da equipe as leituras musicoterápicas e as vias de comunicação abertas, favorecendo a integração do grupo e facilitando a percepção do território demarcado e do paciente como um todo.

Quando o paciente se comunica através de um som ou de um gesto, não focamos somente seu aparelho fonador, sua movimentação corporal ou os aspectos emocionais; o *fazer sonoro* permite-nos, se assim entendido pelo musicoterapeuta, ter a percepção do todo, pois a expressão do paciente contém uma síntese de sua essência que se funde com o território e essa mensagem pode ser passada à equipe de profissionais. Os canais de comunicação acionados pela música, pelo som e pelos gestos são diversos e podem ser direcionados para que os profissionais de cada uma das áreas que fazem parte da equipe possam estar utilizando para objetivos específicos: “É indubitável que no campo da Musicoterapia e no rol que o musicoterapeuta deve assumir, se sobrepõem, a até podem confundir-se, técnicas que poderiam pertencer a outras especialidades. É certo que em certas circunstâncias aparece uma espécie de “terra de ninguém”, que são momentos terapêuticos

em que as técnicas, a metodologia e a mesma fundamentação filosófica se justapõem e se confundem, para terminar, em última instância, sendo o homem mesmo, o ser em questão, ajudando a outro ser humano”. (Benenzon, 1985).

Os profissionais da equipe devem estar sempre atentos para não perderem de vista o objetivo do grupo para com o paciente, acionando elementos fragmentadores que o levem ou algum colega a desterritorializações indesejadas. É certo que, a todo tempo, está havendo desterritorialização e reterritorialização, e é exatamente esta dinâmica que sinaliza o andamento do processo terapêutico. “Sem dúvida, em todos os casos, devemos fazer funcionar ao mesmo tempo fatores de territorialidade, de desterritorialização, mas também de reterritorialização”. (Deleuze e Guattari, 1997). O Musicoterapeuta deve, portanto, estar sempre atento à utilização das experiências sonoro-musicais, pois elas por si só já promovem alterações que podem afetar não só o paciente mas todo o grupo e tanto facilitar sua integração como causar efeitos indesejados.

A escuta muda de território a todo momento e quando voltamos a ele não somos exatamente os mesmos, estamos contaminados em diversos graus com o que vivenciamos fora. Há sempre vários territórios demarcados, o paciente também os demarca, arrastando os terapeutas e também arrastado por eles e pela música no constante jogo de forças que são os territórios. Em cada nova sessão são demarcados novos territórios, pois os componentes desses territórios a cada situação criada ou gerada nunca são iguais aos anteriores; é a eterna repetição do diferente. Somando-se a tudo isso, há um outro território que é tanto ou mais importante, que é o da junção dos vários territórios demarcados nas várias sessões que ocorreram, ou seja, o do processo terapêutico.

Resta saber, nessa visão, como seria a avaliação dos acontecimentos e dos processos através da prática e dos resultados. Deleuze faz comparações da força desterritorializante da pintura e da música, atribuindo à música uma força desterritorializante “muito maior, muito mais intensa e coletiva ao mesmo tempo” e ainda, “em suma, existem graus de desterritorialização que quantificam as formas respectivas, e segundo os quais os conteúdos e as expressões se

conjugam, se alternam, se precipitam uns sobre os outros, ou, ao contrário, se estabilizam, operando uma reterritorialização. O que denominamos circunstâncias e variáveis são seus próprios graus.” (Deleuze e Guattari, 1997). Há, portanto, meios de verificação e avaliação do processo terapêutico.

Essa forma de visão, de demarcação de territórios e atuação dos componentes que o integram, permite-nos uma melhor compreensão das multiplicidades envolvidas num atendimento transdisciplinar. Na prática e nos resultados obtidos temos sido levados a crer que esse é um modo muito interessante e produtivo de se trabalhar que será valorizado num futuro próximo.

Pode ser complexa a tarefa do musicoterapeuta, que utilizando os sons, a música e os gestos precisa muitas vezes, ser o “catalizador” da equipe que integra e através das leituras musicoterápicas evidenciar as alterações que estão ocorrendo nos territórios demarcados, levando à descoberta, não só de caminhos de comunicação com o paciente, mas de novas portas que conduzam a equipe transdisciplinar a perceber o paciente como um todo, o que certamente facilita a atualização das suas potencialidades, a evolução e ampliação de sua consciência, contribuindo para seu processo de individuação e singularização.

Bibliografia

- BARANOW, Ana Léa von. *Musicoterapia: Uma Visão Geral*. Rio de Janeiro: Enelivros. 1999.
- BENENZON, Rolando O. *Manual de Musicoterapia*. Rio de Janeiro: Enelivros. 1985.
- BRUSCIA, Kenneth. *Improvisational Models os Music Therapy*. Springfield: Charles C. Thomas Publishers. 1987
- FERRAZ, Silvio. *Música e Repetição*. São Paulo: Educ, 1998.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*. São Paulo: 34. 1997.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia*. São Paulo: 34. 1992.
- GUATTARI, Felix. *As Três Ecologias*. Campinas: Papirus. 1990.

- GUATTARI, Felix. *Caosmose*. Rio de Janeiro: 34. 1992.
- IAZZETTA, Fernando. A Música, o Corpo e as Máquinas, in *Opus: Revista da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, IV(4), 27-44. 1997.
- LÉVY, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência*. São Paulo: 34. 1993.
- LINHARES, C.F. *A interdisciplinariedade e a Psicopedagogia – in Scoz, Beatriz J.L. et alii org. – Psicopedagogia: O caráter Interdisciplinar na Formação e Atuação Profissional – Artes Médicas – RS – 1987*.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: Annablume, 1996.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da semiótica – De Platão a Pierce*. São Paulo: Annablume, 1998.
- PELBART, Peter. “Tempos de Deleuze”. In ROLNIK, S. e PELBART, P. *Cadernos de Subjetividade, Num. Esp. Gilles Deleuze*. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. 1996. PELBART, Peter. *O tempo não reconciliado*. São Paulo: Perspectiva. 1998.
- UBAM - União Brasileira das Associações de Musicoterapia. *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Ano II, número 3. 1997
- SAMPAIO, Renato T. “Por Uma Nova Abordagem Musicoterapêutica” in *APEMESP – Anais do I Fórum Paulista de Musicoterapia*. São Paulo. 1999
- SCOZ, Beatriz J. Lima. “A Psicopedagogia na Visão Multidisciplinar, Interdisciplinar e Transdisciplinar” in *Revista Psicopedagógica*. São Paulo, 1996

Ana Léa Maranhão von Baranow

Musicoterapeuta, mestranda em Comunicação e Semiótica na PUC-SP e Coordenadora da Comissão de Publicações da APEMESP – Associação dos Profissionais e Estudantes de Musicoterapia do Estado de São Paulo. Autora do livro “Musicoterapia: Uma Visão Geral”, Ed. Enelivros, RJ, 1999.